

## A religião e a ordem social – breves considerações

André Pedrolli Serretti\*

### Resumo

O que representa a religião para o indivíduo e para a Ordem Social? Quais são suas funções em relação à manutenção do funcionamento do sistema social e da vida em sociedade? Partindo do pressuposto de que a religião é um mecanismo de contenção de condutas socialmente desviantes e usando os conhecimentos da sociologia geral, tentaremos responder a tais perguntas objetivando voltar nossa atenção para o debate atual referente à necessidade de regulação da conduta individual por meio de mecanismos cada vez mais eficazes, oferecidos pelo sistema social.

**Palavras-chave:** Religião; Ordem Social; Sociologia geral; Introjeção de valores.

### Abstract

What does religion represent for individuals and the Social Order? What are its functions to the running of the social system and to the maintenance of life in society? On the assumption that religion is a restraint mechanism of socially deviant behavior and using the general sociology's concepts, we will try to answer these questions aiming to turn our attention to the current debate concerning to the increasing necessity of individual behavior's regulation, by mechanisms present in the social system.

**Key words:** Religion; Social Order; General sociology; Values introjection.



\* **ANDRÉ PEDROLLI SERRETTI** é Bacharel em Direito pela Faculdade de Direito Milton Campos; Membro do Conselho Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Direito – CONPEDI.



## 1. Introdução

No contexto atual, onde a falta de perspectivas de vida do ser humano é cada vez maior, frente à massificação de valores e sentimentos (LIPOVETSKI, 2005), a religião ocupa um papel importante para definir as diretrizes da vida de cada indivíduo. A diversidade de religiões atesta a diversidade de sentimentos e pensamentos dos seres humanos, pois ela ocupa um lugar de direção na mente humana. Introjetada, ela é o juiz de nossos valores e de nossos atos, e tem a seu favor o mecanismo da consciência, a culpa que sentem seus seguidores ao desrespeitar seus preceitos.

Ela é significativo exemplo de que um indivíduo, ao adentrar certa comunidade, abdica de suas ações em favor de expectativas de determinado sistema. A partir do mecanismo de prêmios e punições internos, o indivíduo, através da religião, prova, ainda que internamente, que contribui para a coesão da ordem social, com a internalização do sistema de penas e prêmios, sistema de coerção externa nas sociedades. Assim se dá a comunicação entre o sistema social e o sistema psíquico, operado entre religião e indivíduo.

Neste trabalho iremos frisar o papel da religião como mecanismo de manutenção da coesão da ordem social, tendo em vista os fatores internos de coerção oferecidos pela maioria das religiões.

## 2. A ordem social

“Os seres humanos são seres sociais” (CHARON, 2001, p. 147). Com o tempo, as interações sociais vão se tornando mais complexas. Com a evolução da sociedade, os atores sociais vão se escalonando em suas posições de status (*posições sociais*) na estrutura social e vão assumindo seus papéis sociais. Quando o indivíduo passa a viver em uma estrutura social complexa, cheia de papéis e posições de status, ele perde algo de sua individualidade e passa a representar o seu papel. Ele aprende qual é o seu papel desde criança, na escola, com os pais, e é programado para exercê-lo durante toda a vida. Ele aprende o que deve e o que não deve fazer segundo sua posição social e as expectativas inerentes a esta. Toda posição de status, portanto todo papel, é imbuída de prerrogativas e expectativas, perante os outros atores sociais.

Assim, podemos vislumbrar o seguinte exemplo: em nossa sociedade, espera-se que o policial prenda os criminosos, e não seja corrupto. Nesse exemplo, a referida expectativa se constitui em um dever profissional do policial – repressão ao crime. Mas, por óbvio, nem sempre é isso que acontece, o que gera a frustração a tal expectativa e a necessidade de o sistema social criar mecanismos de efetivação de suas expectativas. Se o policial desvia-se de respectiva expectativa, ele é punido de acordo o desvio. Se ele deixa, voluntariamente, de impedir um crime, por exemplo, sua punição será igual à punição daquele crime, que pode ser

muito maior, por exemplo, caso ele tente ofender a vida ou a integridade física de alguém<sup>1</sup>. Por outro lado, se ele exerce regularmente suas funções, mostra que se adequou às expectativas atribuídas ao papel social que representa. Observa Charon:

Ordem social significa que as ações entre os indivíduos são previsíveis, ordenadas, padronizadas, baseadas em regras. Cada ator é, em certa medida, governado pela sociedade. Existindo a ordem, os atores não agem de modo como desejam. A ação é governada por expectativas mútuas e um contrato governa o relacionamento. (CHARON, 2001, p. 148).

Vislumbramos a organização social como algo essencial ao pleno desenvolvimento da personalidade humana. Acerca do caráter vinculante da ordem social, e dos benefícios dessa para o desenvolvimento das possibilidades do ser humano, Freud indica que:

A ordem é uma espécie de compulsão a ser repetida, compulsão que, ao se estabelecer um regulamento de uma vez por todas, decide quando, onde e como uma coisa será efetuada, e isso de tal maneira que, em todas as circunstâncias semelhantes, a hesitação e a indecisão nos são poupadas. Os benefícios da ordem são incontestáveis. Ela capacita os homens a utilizarem o espaço e o tempo para seu melhor proveito, conservando ao mesmo tempo as forças psíquicas deles. (FREUD, 1930, p. 100).

<sup>1</sup> Neste caso, teremos a aplicação da norma de extensão presente no art. 13, §2º, do Código Penal Brasileiro, que assim está transcrita: “A omissão é penalmente relevante quando o omitente devia e podia agir para evitar o resultado. O dever de agir incumbe a quem: a) tenha por lei obrigação de cuidado, proteção ou vigilância;” (BRASIL, 1940). Assim, se alguém podia e devia evitar um resultado penalmente relevante, mas nem sequer tenta evitá-lo, pratica o delito que deveria impedir, como é o caso utilizado como exemplo.

## 2.1. Os fundamentos da ordem social

Segundo Durkheim, para que os atores de uma estrutura de papéis sociais conheçam seus papéis e tenham expectativas quanto à ação dos outros, para que compartilhem crenças e valores morais, se faz necessária a padronização desses valores e crenças (CHARON, 2001, p. 149). A cultura e a estrutura são as responsáveis por essa padronização. A estrutura social, escalonada em extratos sociais, é o que ajuda a manter coesa a organização social. É ela quem define, nas sociedades industriais, a divisão do trabalho e das demais funções sociais. Essa estrutura gera uma relação de interdependência entre os atores, eles, por sua vez, aderem à estrutura e se vinculam aos demais atores que ocupam seus respectivos lugares na estrutura. Um depende do outro. O médico, por exemplo, depende do faxineiro para limpar seu consultório, o faxineiro depende do agricultor que cultiva a sua comida, e tal agricultor depende do médico para curar sua enfermidade. E essa vinculação estrutural é cultural, cada povo tem sua respectiva estrutura.

A cultura é a responsável por reunir todas as características de certo povo, e nela estão presentes os elementos caracterizadores de sua identidade. Para Marx, a cultura é produzida pelas classes que detém o poder econômico e político, e está a serviço deles para manter a exploração dos mais desfavorecidos socialmente (CHARON, 2001, p. 150). Para ele, a estrutura social reflete uma relação de exploração e poder que as classes dominantes exercem sobre as dominadas. O poder na estrutura social permite o controle dos empregos, governo, forças armadas, polícia, tribunais e dos meios de comunicação. Tais padrões estruturais

da sociedade são disseminados e passados de geração em geração. Por isso a ordem social depende de instituições eficazes para se manter coesa. “Durkheim considerava as instituições religiosas e educacionais especiais formadoras de seres humanos capazes de se auto-controlar” (CHARON, 2001, p. 151).

Para Marx, todas as instituições tinham a mesma função que a cultura tem: proteger os ricos e poderosos (CHARON, 2001, p. 151). As instituições como: Igreja, escolas e mídia são instrumentos de socialização e direção de indivíduos, devido ao fato de traçarem suas diretrizes e perspectivas de atuação, sendo estas, expectativas, segundos seus papéis, perante a estrutura social.

A socialização é o grande propósito das instituições sociais. É através dela que nós criamos nossos desejos segundo nossa situação na estrutura social. Por meio da socialização aprendemos a aceitar a estrutura social como ela é, porque nos ensinam que ela nos beneficia e que precisamos dela para sobreviver. Com o passar do tempo, nos tornamos os nossos próprios valores aprendidos e a estrutura passa a fazer parte de nós mesmos. Segundo Durkheim, é tarefa da família e da religião proporcionar ao indivíduo a incorporação dos valores da sociedade (CHARON, 2001, p. 155). Em tese, o indivíduo passa a se policiar internamente, fiscalizando sua conduta para averiguar se está de acordo com os princípios morais de sua cultura. Essa força policial que antes era externa passa a ser interna, e o ator passa a se dirigir segundo as regras morais por ele assimiladas.

Para que a socialização seja válida para a ordem social, é necessário que o ator se mantenha leal aos ensinamentos por

ele aprendidos. Ele deve ser fiel à comunidade e aderir as suas crenças. Toda coletividade define quem está dentro e quem está fora de seu grupo, assim, incentivando os internos a se sentirem parte de algo bom e a julgar que dividem tal preciosidade apenas com determinados indivíduos selecionados. Estabelece-se um vínculo emocional, e isso ajuda o funcionamento, sem empecilhos, da organização. Essa lealdade à sociedade emana do sentimento de que é bom fazer parte do coletivo, de um todo, e do sentimento que a sociedade supre as necessidades, que é lucrativo fazer parte dela.

A socialização nunca é perfeita. Se a socialização funcionasse perfeitamente, haveria pouquíssima individualidade, inexisteriam criminosos, revolucionários, membros insatisfeitos ou que se desviaram, e ninguém ficaria contrariado com estrutura social. Devido ao fato de a socialização nunca ser perfeita, para que a ordem social se mantenha coesa, são utilizados incentivos, positivos e negativos, prêmios ou punições, àqueles que seguem ou inobservam seus preceitos. Se a conduta individual vai de acordo com o estabelecido com pela cultura, em tese, o seu ator é premiado. Quando temos comportamentos desviantes, a estrutura social, através de outros atores, se encarrega nos punir. Essas punições vão desde um olhar reprovador de outro indivíduo até à pena de morte, em certas sociedades. O desvio de conduta é relativo. O conceito de ato desviante varia de cultura para cultura e de geração para geração.

A poligamia, por exemplo, para nós ocidentais, onde a religião predominante é o cristianismo, é algo imoral. Porém, para povos do oriente médio, onde o islamismo é a religião

dominante, esse comportamento masculino é, além de natural, esperado pela sociedade. Pode acontecer que, no futuro, a nossa sociedade se transforme e aceite a poligamia como algo natural, e pode também ocorrer que a sociedade islâmica considere também, no futuro, a poligamia imoral.

Os atores desviantes são rotulados como desviantes pela sociedade. O ato de rotular algo ou alguém como desviante é estigmatizar, exercer o controle social através da marginalização de comportamentos desviantes. Isso estimula o comportamento dos demais atores a agir de acordo com os padrões culturais, e ao mesmo tempo, desestimula desvios de conduta.

Em suma, a ordem social funciona do seguinte modo: impõe seus valores e estimula os indivíduos a segui-los, por diversos mecanismos.

### 3. Relações entre religião e ordem social

Religião é a tradução do termo latino *Religare*, significa algo que religa a criatura (homem) ao seu criador (Deus). O sociólogo Anthony Giddens concebe religião de maneira formalista, ressaltando seu caráter externo, referente aos cultos e atividades religiosas coletivas. Assim a define:

As religiões envolvem um conjunto de símbolos, que invocam sentimentos de reverência ou de temor, e estão ligadas a rituais ou cerimoniais (como os serviços religiosos) dos quais participa uma comunidade de fiéis. (...) Mesmo que as crenças de uma religião possam envolver deuses, quase sempre existem seres ou objetos que inspiram atitude de temor ou admiração. (GIDDENS, 2005, p. 427).

A religião é cultural, ela varia de cultura para cultura, albergando valores

culturais de certas regiões. A não adequação das religiões à cultura de seu respectivo povo, implica na sua inação. A maioria das culturas do planeta nasceu e cresceu com suas respectivas religiões e cultos, o que confirma que a religião está intrinsecamente ligada aos padrões e valores morais da cultura de determinado povo. Pelo fato de a maioria das religiões pregar a lealdade à mesma, ela indiretamente prega a lealdade aos valores e padrões morais de certa sociedade, além de prover mecanismos coercitivos e rotulações para indivíduos desviantes dos padrões sociais, e premiações para indivíduos que agem de acordo com os paradigmas sócio-culturais, mecanismos estes que também contribuem para a manutenção da ordem social.

Vários autores abordaram a relação entre religião e ordem social. Como visto anteriormente, para Durkheim, a religião é uma formadora de sujeitos capazes de se auto-controlar (CHARON, 2001, p. 155). Para ele, as cerimônias e os rituais são essenciais para manter a união entre os membros dos grupos e a religião não é apenas uma série de sentimentos e atividades, pois na verdade, ela condiciona os modos de pensar dos indivíduos nas culturas tradicionais. Isso é essencial para manter a coesão social, até mesmo das sociedades modernas, pois tais sociedades também dependem de cultos e rituais que reafirmem seus valores. o ritual pode ser considerado um mecanismo para reforçar a integração social. Durkheim conclui que a função substancial da religião é a criação, o reforço e manutenção da solidariedade social. Assim aponta Timasheff:

Com isso pode-se constatar que a participação na ordem sagrada, por exemplo, nos rituais ou cerimônias, dá um prestígio social especial, ilustrando uma das funções sociais

da religião. A própria pode ser definida como um sistema unificado de crenças e de práticas relativas às coisas sagradas. Estas unificam o povo em uma comunidade moral (uma igreja), um compartilhar coletivo de crenças, que por sua vez, é essencial ao desenvolvimento da religião. (TIMASHEFF, 1971, p. 149).

A conduta humana, e em certa medida, a própria natureza atribuída às coisas, essencialmente, estão separadas pelo binômio sagrado/profano, permitido/proibido, segundo os ensinamentos da religião, constituindo-se esta em um subsistema social que opera por tal binômio. Os cultos religiosos tem por mister exaltar o sagrado e condenar o profano. Durkheim observa:

O sagrado e o profano foram sempre e por toda a parte concebidos pelo espírito humano como gêneros separados, como dois mundos entre os quais nada há em comum. (...) Uma vez que a noção de sagrado é no pensamento dos homens, sempre e por toda a parte separada da noção do profano. (...) Mas o aspecto característico do fenômeno religioso é o fato de que ele pressupõe uma divisão bipartida do universo conhecido e conhecível em dois gêneros que compreendem tudo o que existe, mas que se excluem radicalmente. As coisas sagradas são aquelas que os interditos protegem e isolam; as coisas profanas, aquelas às quais esses interditos se aplicam e que devem permanecer à distância das primeiras. (DURKHEIM, 1989, p. 70).

Para Marx a religião é um instrumento das classes dominantes que transmite ideologias elitistas que contribuem para a manipulação das massas, assim mantendo o *status quo* da distribuição de renda (CHARON, 2001, p. 155). Ela

é mais um mecanismo de alienação do povo em relação à sua real situação, e em relação às suas possibilidades de revolta para com os padrões sociais ilegítimos e controladores. Podemos observar isso na seguinte passagem:

[A religião] é uma concepção fantástica do ser humano na medida em que o ser humano não possui nenhuma realidade verdadeira. Por conseguinte, a luta contra a religião é indiretamente uma luta contra aquele mundo cujo aroma espiritual é a religião. O sofrimento religioso é ao mesmo tempo uma expressão do sofrimento real e um protesto contra o sofrimento real. A religião é o gemido da criatura oprimida, o modo de sentir de um mundo sem coração e a alma de circunstâncias destituídas de alma. É o ópio do povo. A abolição da religião como felicidade ilusória dos homens é uma exigência para sua verdadeira felicidade. A chamada para o abandono de uma situação que demanda ilusões. Portanto, a crítica da religião é o embrião da crítica desse vale de lágrimas do qual a religião constitui o halo. A crítica arrancou dos grilhões as flores da imaginação, não para que o homem suporte os grilhões sem fantasia ou consolo, mas para que pense, aja e modele sua realidade como um homem que perdeu suas ilusões e reconquistou sua razão, a fim de que se mova em torno de si mesmo como seu verdadeiro sol. A religião é o único sol ilusório em volta do qual o homem gira enquanto não gira em torno de si mesmo. Por conseguinte, uma vez dissipado o mundo sobrenatural da verdade, a tarefa da história é a de fundar a verdade deste mundo. A tarefa imediata da filosofia, que está a serviço da história, é desmascarar a auto-alienação humana em sua forma secular agora que ela foi desmascarada em sua forma sagrada. Assim, a crítica do céu

transforma-se na crítica da terra, a crítica da religião se torna a crítica da lei, e a crítica da teologia, a crítica da política. (Marx, 1978, p. 54). (tradução livre).

Ainda, para o referido autor, a manipulação das classes mais desfavorecidas torna-se patente quando estas se abdicam de raciocinar e passam a simplesmente seguir os dogmas religiosos. Esta é uma consequência natural do pensamento religioso. O afastamento das possibilidades de mudança social pela crença em ilusões gera obrigatoriamente a possibilidade de controle do comportamento dos indivíduos. Isso é demonstrado por Cavalcanti, na seguinte passagem:

De acordo com Marx, a relação entre religião e política na civilização ocidental segue sempre um padrão previsível, baseado na desigualdade de classes - a religião da classe baixa contribui ideologicamente para a alienação política dos pobres por intermédio de suas doutrinas e práticas, que justificam sua exploração econômica. Igrejas cristãs de classe baixa - com sua orientação conservadora e suas promessas de vida eterna - garantiriam a apatia ou passividade política de seus fiéis, seu desinteresse pelo jogo político, sustentando-os com uma mensagem de submissão à vontade de Deus que se traduziria na aceitação do status quo. Suas doutrinas e práticas tornam-se paliativos, explicando a necessidade de sofrer neste mundo para se ter felicidade no próximo. Em face desse estímulo à resignação e passividade, o cristianismo de classe baixa tornar-se-ia uma religião ideal para os donos do poder. Como trabalhadores, os fiéis de classe baixa seriam leais aos seus patrões, e como cidadãos se absteriam das urnas.

(CAVALCANTI, 1998).

Já Weber, em posição oposta, argumenta que a religião não é necessariamente uma força conservadora, ao contrário, indica que movimentos sociais inspirados em determinadas religiões muitas vezes geram transformações impressionantes na ordem social (GIDDENS, 2005, p. 432). Em especial, podemos observar o monoteísmo e o cristianismo, ambos movimentos religiosos que romperam com os paradigmas então existentes na sociedade e adotados pelas classes dominantes. Posteriormente, o protestantismo – particularmente o puritanismo – foi a fonte da visão capitalista presente no ocidente moderno, que rompeu com as monarquias absolutistas do período em que tomou corpo no pensamento ocidental. Assim ensina Weber:

La formación del imperio mundial (o la nivelación social, que actúa del mismo modo) no ha sido el factor único, imprescindible de este desarrollo. Por lo menos, los preludios del monoteísmo universalista, la monolatría, los encontramos – y eso en el caso más importante desde el punto de vista de la historia de la religión, el culto a Jehová – como consecuencia de acontecimientos históricos muy concretos: la formación de una confederación. En este caso el universalismo es producto de la política internacional, cuyos intérpretes pragmáticos eran los profetas interesados en el culto y la moral de Jehová; con la consecuencia de que también los hechos de los pueblos extranjeros, que tan poderosamente afectaban a los intereses vitales de Israel, empezaran a considerarse como hechos de Jehová. (WEBER, 1997, p. 342). (...) La esperanza de salvación tiene las más amplias consecuencias para el estilo de vida

cuando la salvación proyecta ya de antemano en este mundo su sombra o transcurre como acontecimiento interior dentro de este mundo. Por consiguiente, cuando vale como "santificación" o la provoca o la tiene como condición previa. El proceso de la santificación puede aparecer entonces como un proceso paulatino de purificación o como un súbito cambio del modo de sentir (metanoia), como un "renacimiento". (WEBER, 1997, p. 419).

Charon (2001, p. 155), quando se refere às instituições religiosas, afirma que elas servem para que o indivíduo assimile a estrutura e a cultura de sua sociedade, e se integre ao seu papel, para que ele o aprenda e o aceite.

O referido autor ainda faz alusão aos meios que a religião utiliza para a coerção de comportamentos desviantes. Quando o indivíduo assimila seu papel e as regras de conduta morais de sua cultura, e após, toma uma atitude desviante, ele mesmo se desaprova por isso. A religião é um instrumento que faz com que o indivíduo assimile seu papel e as regras morais de sua cultura, e para além disso, se policie para que não fuja dos seus padrões culturais e morais. O ator se torna fiscal dele mesmo, e muitas vezes ele aplica em si mesmo punições e prêmios. Os atributos da religião elencados por Charon ressaltam a função mantenedora desta, da coesão e da estabilidade da sociedade.

Concluimos que a religião serve de instrumento de influência da conduta dos atores, que contribui para a coesão da ordem social. Mas em alguns momentos da história ela foi marcante na renovação de certos valores, às vezes tendentes à manutenção da divisão social de classes.

#### **4. A religião e a ordem social no Brasil**

Marx, Durkheim e Weber acreditavam que a religião nos tempos modernos teria menos importância, devido ao avanço da sociedade e a substituição do pensamento religioso pelo científico. Os rituais e cerimônias religiosas fariam cada vez menos parte da vida dos indivíduos. Essa previsão, de certo afastamento das religiões, tem se efetivado, de certa forma, o que pode ser comprovado por recentes pesquisas demográficas, tais como o censo demográfico (IBGE, 2000).

A religião católica apresenta uma perda considerável de seguidores. Em contrapartida, religiões de cunho pseudocientífico e racional – tal qual o Espiritismo –, e o número de pessoas sem religião, aumentaram.

Por outro lado, contrariando as previsões dos referidos sociólogos, religiões pentecostais também vem ganhado espaço nos escolhas populares. Canais de rádio e televisão exclusivos, com programação diária, instalações luxuosas em seus templos e alguns parlamentares eleitos, ilustram esse quadro, retratado por Pierucci (2004), comentando último senso demográfico feito pelo IBGE.

A religião serve de norte para as ações de seus adeptos, em tese. No Brasil não é diferente. Podemos ver que na maioria os templos religiosos tradicionais, como no catolicismo e no luteranismo, é pregada a não-violência e a castidade antes do matrimônio, por exemplo. Esses são valores arraigados na cultura brasileira que estão, porém, em franca mutação.

Gilles Lipovetsky (2005) focaliza alguns dos problemas gerais de nossa época: o enfraquecimento da sociedade, dos costumes, do indivíduo

contemporâneo da era do consumo de massa, a emergência de um modo de socialização e de individualização inédito, numa ruptura com o que foi instituído a partir dos séculos XVII e XVIII o que faz com que vivamos em um mundo de perda de valores, de uma cultura narcísica e individualista. Como resultado, podemos ver em Pierucci (2004), que as instituições religiosas tradicionais em nosso país estão perdendo sua força, com declínio do número de seus adeptos.

Por tais motivos, a religião não é mais capaz de reter a conduta desviante dos padrões sociais, com a mesma intensidade em que já foi. Após a idade média, e principalmente após a revolução francesa, com a ascensão do pensamento científico-racional e dos direitos e liberdade individuais, novos valores entraram em destaque no pensamento ocidental, em especial, o individualismo e o racionalismo, colocando em cheque o sentido dos dogmas das pregações religiosas.

Nesse contexto social, por alguns denominado de pós-moderno (BAUMANN, 2000), também devemos levar em consideração o papel que exerce a mídia a serviço do consumismo e do gozo de prazeres imediatos pretensamente ilimitados. A efêmera sensação de ausência de limites, e de prestígio social operada pelo excesso de consumo, demonstra também o franco declínio das concepções religiosas de valoração positiva de bens que transcendem a existência corpórea do indivíduo.

Certo é que a não-lealdade às instituições religiosas tem aumentado, o que compromete sua função para a ordem social e o próprio funcionamento desta.

Há também, no país, certa tendência ao

fundamentalismo, mesmo que de forma velada. Com o fato de a maioria das religiões que existem definirem bem quem está dentro e quem está fora de seu grupo, assim, incentivando os fiéis a se sentirem parte de algo bom e a julgar que dividem essa coisa boa apenas com determinados indivíduos selecionados, os adeptos dessas religiões acabam por segregar e apartar os não-adeptos, e manter estrito contato com seus grupos de fé. Essas atitudes contribuem para o fortalecimento do sentimento religioso sectário e a sobreposição de valores de certa religião, sobre os valores das outras.

O fundamentalismo e a intolerância nascem do radicalismo e da ausência de respeito mútuo entre adeptos de religiões diferentes. Muitas vezes esquece-se que antes mesmo de serem adeptos de outro credo, ou de nenhum, são seres humanos, o que por si basta para que sejam dignos de respeito, independentemente de sua forma de pensar ou de sua vinculação religiosa e cultural.

## 5. Conclusão

A Ordem Social serve para garantir a existência coesa da vida em sociedade. Ela se utiliza de mecanismos de inserções de seus valores nos atores como um todo, para garantir a sua coesão e igualdade na forma de agir e de pensar, segundo o papel social de cada um. Há também mecanismos de punições que agem contra o ator quando sua conduta desvia do padrão estabelecido pela sociedade. Quando seguimos seus padrões, a sociedade nos premia, quando não seguimos, ela nos condena.

Uma das instituições que servem para socializar os indivíduos é a instituição religiosa. Através dela, a sociedade ensina seus valores e padrões aos seus

atores, para que eles atuem segundo as expectativas dos outros atores da sociedade. Os meios de punição e premiação da religião são meramente internos, inerentes à consciência de cada um.

No Brasil, a Ordem Social não conta mais com tanto apoio das instituições religiosas, tanto para transmitir os valores culturais quanto para servir de mecanismo de coerção, pois o número de adeptos vem reduzindo e a lealdade dos mesmos para com a instituição está em decadência devido aos avanços da sociedade, da difusão do pensamento racional-científico e da mudança de valores, tendente a valores opostos aos pregados pelas religiões.

Se a ordem social deve continuar a existir, deve ela procurar meios mais eficazes para manter a coesão dos valores da sociedade, apoiados em um pensamento racional-científico, pois com a evolução da sociedade, não tem mais eficácia a imposição de valores e normas de conduta desprovidas de razão, e sem mecanismos fortes de coerção de condutas desviantes. Para se manter coesa, a sociedade deve atualizar seus valores, garantir a segurança de seus objetivos e criar mecanismos de retenção de condutas desviantes, cada vez mais eficazes.

## Referências

- BAUMANN, Z. **O mal estar da pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.
- BRASIL. Decreto-lei Nº 2.848, de 7 de dezembro de 1940. Código Penal. **Diário Oficial da União**, Rio de Janeiro, DF, 31 dez. 1940. Disponível em: <<http://www.planalto.gov.br/CCIVIL/Decreto-Lei/Del2848.htm>> Acesso: 28 out. 2008.
- CAVALCANTI, H. B. Marx, Religião e Política: O Protestantismo Conservador Norte-Americano como Ópio do Povo. **Dados**, Rio de Janeiro, v. 41, n. 1, 1998. Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_artext&pid=S0011-52581998000100006&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_artext&pid=S0011-52581998000100006&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em 06 Fev. 2010.
- CHARON, J. **Sociologia**. Tradução de Laura Teixeira Motta. São Paulo: Saraiva, 1999.
- DURKHEIM, É. **As formas elementares de vida religiosa**. São Paulo, Edições Paulinas: 1989.
- FREUD, S. (1930). O mal-estar na civilização. In: **Edição Standard das Obras Completas de Sigmund Freud**. Trad. de José Otávio de Aguiar Abreu. Rio de Janeiro: Imago, 1996, v. XXI.
- GIDDENS, A. **Sociologia**. 4 ed. Porto Alegre: Artmed, 2005.
- IBGE. **Censo Demográfico**. Rio de Janeiro: IBGE, 2000.
- LIPOVETSKI, G. **A era do Vazio**: ensaios sobre o individualismo contemporâneo. Barueri: Manole, 2005.
- MARX, K. Contribution to the Critique of Hegel Philosophy of Right: Introduction, in ENGELS, Friedrich; MARX, Karl. **The Marx-Engels Reader**. New York/London: W. W. Norton Co., 1978.
- PIERUCCI, A. F. "Bye bye, Brasil" – O declínio das religiões tradicionais no Censo 2000. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 18, n. 52, p. 17-28, 2004.
- TIMASHEFF, N. S. **Teoria Sociológica**. Rio de Janeiro: Zahar, 1971.
- WEBER, M. **Economía y Sociedad**. México: Fondo de Cultura Económica, 1997.